



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANA LARA CONSTÂNCIO MARINHO

É DE MENINO OU DE MENINA? ENTRE CARRINHOS E BONECAS

**GUARABIRA-PB
2016**

ANA LARA CONSTÂNCIO MARINHO

É DE MENINO OU DE MENINA? ENTRE CARRINHOS E BONECAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Esp. Rônia Galdino da Costa.

ANA LARA CONSTÂNCIO MARINHO

Ê DE MENINO OU DE MENINA? ENTRE CARRINHOS E BONECAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Graduação Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovada em: 19 / 05 / 2016

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa

Profª Esp. Rônia Galdino da Costa/UEPB

(Orientadora)

José Otávio da Silva

Profº Ms. José Otávio da Silva

(Examinador)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profº Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

(Examinador)

GUARABIRA-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M337m Marinho, Ana Lara Constâncio
É de menino ou de menina? Entre carrinhos e bonecas.
[manuscrito] / Ana Lara Constâncio Marinho. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa,
Departamento de Educação".

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. PERCURSO HISTÓRICO.....	06
3. PRÁTICAS DOCENTES SOBRE GÊNERO EM SALA DE AULA.....	11
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
5. REFÊRENCIAS.....	21

É DE MENINO OU DE MENINA? ENTRE CARRINHOS E BONECAS

MARINHO, Ana Lara Constâncio¹

RESUMO

Este artigo fala como professores atuam em sala de aula sobre questões de gênero repassando costumes que historicamente foram construídos pela sociedade, onde o “normal” é que existam dois gêneros, que se diferenciam na prática através de determinadas cores, brincadeiras, jeitos de se comportar, dentre outras características que são únicas de cada um e que em momento algum essas características podem se inverter ou se entrelaçar, pois isso seria um “sinal” de que a orientação sexual dessa criança estaria em “risco”. Falar sobre questões de gênero não é algo tão fácil, pois em nossa sociedade a maioria das pessoas tem uma concepção acerca desse assunto muito biológica, em virtude disso o tema se torna um tabu. O objetivo deste artigo é provocar uma reflexão nos professores que atuam em sala de aula sobre as questões de gênero. A metodologia utilizada foi de pesquisas bibliográficas, qualitativa e analítica. E os autores que iremos abordar durante o desenvolvimento do artigo são Albernaz e Longhi, Camargo e Ribeiro, Frangella, Finco, Felipe, Gil, Hall, Louro, Meyer, Nunes, Ortner, Rios, Rosaldo, Scott e Vianna. Concluímos a partir dos estudos realizados que não podemos desprezar o despreparo dos mestres atuantes em sala de aula referindo-se à questões de gênero, como também a sua falta de formação no seio familiar acerca do assunto: orientação sexual, se tratando de gênero a realidade nos mostra que não existem apenas duas receitas prontas: feminino e masculino, a sua orientação sexual independe do tipo de brinquedos que utiliza e prefere.

PALAVRAS-CHAVES: Gênero, Professor, Aluno.

1. INTRODUÇÃO

O tema aqui abordado apesar de ser muito importante não é debatido, muitas vezes, porque a sociedade ainda tem dificuldade em romper com o que é tido como padrão e que vem sendo repetido ao longo do tempo através do senso comum.

Levando em consideração que os professores são construtores de identidades, os mesmos estão engajados em desenvolver determinados tipos de conceitos “padrões” exigidos pela sociedade, os quais, são considerados como os mais adequados, ou seja, só existem dois gêneros, uma é o ser menino e a outra, menina, fazendo com que se entenda assim, que identidade é algo fixo, permanente e imutável.

¹ Ana Lara Constâncio Marinho. Graduada em Pedagogia pela UEPB. E-mail: analaracms@hotmail.com

Em contrapartida alguns pesquisadores afirmam que identidade é uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987).

O interesse por esse assunto vem acompanhando toda a trajetória escolar desta pesquisadora, que tem vivenciado diversas situações, para que hoje este tema fosse escolhido como foco de pesquisa, o fato é que existem “regras” que são propagadas pelos professores em sala de aula, sem que ao menos os mesmos tenham consciência do que estão repassando.

Foi de grande incômodo a fase que frequentei a escola, pois, o fato de me apresentar fisicamente como uma menina me tirava o direito de brincar com algo que não fosse boneca, casinha, dentre outras brincadeiras que são pré-determinadas para menina ou até mesmo não me faria ser “menos menina” o fato de ter mais afinidade com os colegas de classe e ter vontade de participar das brincadeiras tidas como “deles”.

As inquietações que vem acompanhando a minha fase adulta é a falta de preparo desses profissionais que estão conosco cotidianamente, para nos ensinar, repassar lições para a vida, nos formando para o mundo, onde o fato de uma menina querer brincar com algo que não seja cor de rosa ou não se refira a bonecas e casinhas faz dela uma “futura” homossexual ou um menino que prefere brincar de bonecas ou tem mais afinidade com as garotas ou até mesmo gosta de rosa, faz com que o mesmo tenha preferência por pessoas do mesmo sexo.

Por essas razões, ficamos pensando se a causa desses problemas poderiam ser pelo despreparo dos professores, que por muitas vezes não tem tempo de se “reciclar”, pelo simples fato de sua jornada de trabalho ser pesada e apenas não resta tempo para realizar tarefas adicionais, outro fator que pode vir a ser a causa desse problema seria a influência social que está cada vez mais presente em nosso cotidiano, fazendo com que nossas ações sejam muito mais pensadas e repensadas, por medo de não satisfazer aquilo que a sociedade impõe como verdade.

Objetivamos neste artigo provocar uma reflexão nos professores que atuam na sala de aula sobre as questões de gênero, para isso faremos uma análise sobre o percurso histórico em relação a questões de gênero e o definiremos, iremos

também refletir a respeito das práticas docentes sobre gênero em sala de aula e por último, provocaremos uma reflexão sobre o intersexo baseado no filme XXY.

O tema deste artigo é considerado relevante pois ouvimos e/ou vivenciamos falas sexistas, que por muitas vezes, contém um preconceito velado que é repassado de forma equivocada de geração em geração, mas sem que as pessoas que o repassam tenham consciência do que estão propagando.

Sabemos que o sistema educacional é um fator de suma relevância no estabelecimento de uma ordem social, em virtude disso, é preciso cautela ao repassar “costumes” aparentemente inofensivos, pois se está lidando diretamente com o desenvolvimento de crianças e conseqüentemente interferindo sobre ele, sendo assim, é preciso que haja uma reflexão dos professores sobre o que é ensinado em sala de aula.

Inicialmente este trabalho trará em seu primeiro capítulo os objetivos, justificativas e toda problemática do tema em questão. No segundo capítulo faremos um percurso histórico em relação as questões de gênero e o definiremos. No terceiro capítulo entenderemos como é a prática do docente com as questões de gênero em sala de aula e provocaremos uma reflexão sobre o intersexo baseado na análise do filme XXY.

2. PERCURSO HISTÓRICO

Na década de 1960 ocorreu a chamada “terceira onda”, onde a mesma ficou em evidência por causa de grandes lutas intensas, porém, foi no ano de 1968, que vários grupos manifestam as suas insatisfações com relação aos arranjos sociais e políticos que já existiam naquela época, fazendo com que assim as contradições sociais fossem muito além do contexto econômico e originando outras maneiras de exercitar o poder.

Em meados da década de 60 aconteceu a Segunda Onda do Movimento Feminista no mundo ocidental e houve também uma efervescência de movimentos políticos contestatórios de um modelo criado pela sociedade onde os indivíduos tinham que ser brancos, ricos, masculino e heterossexual.

Segundo Moreira e Pitanguy (2003) destaca-se uma voz isolada chamada Simone de Beauvoir, que escreveu livros que acusavam as razões culturais da desigualdade entre os gêneros, estudos destacam que a análise desse livro é um marco, ao passo que delineia as bases da reflexão feminista que ressurgiu na década de 1960.

Os estudos feministas ao incorporarem as categorias de gênero, questionaram as diversas áreas do conhecimento, como por exemplo: os padrões patriarcais que são baseados nas diferenças biológicas que definem o que é ser mulher e o que é ser homem.

Foi na década de 1970 que as feministas observaram que apesar de terem algumas conquistas educacionais, em que eram aplicados os mesmos conhecimentos tanto entre os meninos como as meninas, a igualdade não fora atingida como elas acreditavam. Perceberam ainda que as diferenças entre os sexos, construídas social e culturalmente se tornavam ruins porque eram utilizadas essas diferenças para criar hierarquias e poderes desiguais (ALBERNAZ E LONGHI 2009)

Tendo em vista que o movimento feminista contemporâneo ganhou mais força a partir do século XIX, a sua primeira voz surgiu ainda no século XIV, quando uma mulher chamada Christine Pisan, foi indicada a poeta oficial da corte, a mesma mostrou ao público seu discurso em defesa dos direitos da mulher, criando conflitos entre muitos escritores que eram renomados na época acerca de assuntos relacionados a igualdade de gênero. A partir disso:

Afirmou a necessidade de se dar às meninas uma educação idêntica à dos meninos: “Se fosse costume mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como se fazem aos meninos, elas aprenderiam da mesma forma que estes compreenderiam as sutilezas das artes e ciências, tal como eles” (MOREIRA e PITANGUY, 2003, p.19)

A partir dessa linha de raciocínio, onde a educação era vista como uma forma de alcance de igualdade, que na passagem do século XIX para XX, as feministas se basearam na filosofia que compreendia o ser humano como sendo uma “tábua rasa”, para reivindicar formas igualitárias de educação entre os gêneros. Isto é, já que todos nascem como “folhas de papel em branco”, se o mesmo tipo de educação

fosse dado tanto a meninos quanto a meninas, ambos aprenderiam da mesma maneira (ALBERNAZ E LONGHI 2009).

No Brasil, somente a partir de 1980, que as feministas passaram a empregar o termo “gênero”, grande parte dos discursos de alguma maneira englobam as questões de sexualidade, firmando assim uma distinção entre gênero e sexualidade ou entre identidades de gênero e identidades sexuais. Atualmente alguns estudiosos estão buscando um aprimoramento das análises, acentuando as distinções acerca das questões de gênero e sexualidade. Conforme aponta Scott (1961, p.1):

Mais recentemente – recentemente demais para encontrar seu caminho nos dicionários ou na enciclopédia das ciências sociais – as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos.

Entre a década de 80 e 90 começou-se a falar sobre a Teoria Queer, que interpretado pela língua portuguesa quer dizer: estranho, esquisito, singular e excêntrico. Esta nomenclatura começa a ser empregada para titular pessoas que não correspondiam ao padrão heterossexual de vivência ou do papel de gênero correspondente ao seu sexo.

Ainda na década de 80 reafirma-se a indispensável heterogeneidade das experiências a partir das relações de gênero, pesquisas realizadas durante este período afirmam que existe um caráter relacional entre os sexos, que são construídos socialmente a partir de relações de poder e em consequência disso apresentam hierarquias que provocam a desigualdade social.

Machado (1992), se refere aos campos das Ciências Sociais, da Crítica Literária e da Literatura no Brasil como locais onde a partir de 1987 acontece a primazia dos estudos de gênero sobre questões relacionadas a mulher e a superação dos papéis sexuais pelos de papéis de gênero.

Em 1988 uma nova pesquisa é exposta na reunião anual da ANPOCS sobre relações de gênero, como também uma dissertação de mestrado é defendida na Universidade Estadual do Paraná sobre o tema da formação de identidade e do papel de gênero na pré-escola.

A repercussão das discussões sobre gênero nos núcleos e demais centros de pesquisa fica aparente ao notarmos o grande número de grupos que incorporaram essa terminologia em suas pesquisas, como também se auto identificaram com os estudos de gênero.

Podemos citar como um exemplo disso o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher, da USP, que no ano de 1988 passou a ser denominada Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, não podemos esquecer também do Núcleo de Estudos da Mulher (NEM) da UFSC, que foi denominado desde o ano de 1989 como Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG).

Quanto aos questionamentos sobre os pontos que são ligados a identidade de gênero na infância, percebemos que é preciso em um primeiro estante explicitarmos o que compreendemos sobre gênero. Por isso, tomamos como ponto de partida Felipe (2004,p. 33) que conceitua gênero:

O conceito de gênero está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos a ambos os sexos em diferentes sociedades. Homens e mulheres, meninos e meninas encontram-se mergulhados nas instâncias sociais em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, religião também estão imbricadas na construção das relações de gênero.

As discussões da diferença entre homens e mulheres não se asseguram apenas nas questões biológicas, mas sim na questão social e cultural, entretanto, isso não significa que se negam as características biológicas do sexo, pois a valorização e a desvalorização do ser humano com base na distinção sexual são socialmente constituídas, também em relação a essas diferenças biológicas. Meyer afirma que:

O conceito de gênero enfatiza a pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais, tais como classe, raça, etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações importantes nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são ou podem ser vividas ou experienciadas por diversos grupos, dentro dos mesmos grupos ou ainda, pelos mesmos indivíduos em diferentes momentos de sua vida. (MEYER, 2005, p.17)

Cada um dos seres humanos vive em diferentes culturas, lugares e níveis sociais e é preciso que saibamos que todas essas ações influenciam e agem como determinantes no modo de viver a masculinidade ou a feminilidade de cada um. A partir disso, Louro (1997, p.25) afirma que:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o.

Ao longo da vida de cada indivíduo ocorrem diversas mudanças em determinados momentos históricos, em uma dada sociedade, em diversos grupos, como por exemplo: grupos religiosos, raciais, de classe, gênero e outros. Com relação a esse contexto Meyer (2005) diz que:

O conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

Sendo assim, há concepções de gênero que não abordam as divergências como meramente uma separação biológica entre os homens e as mulheres, mas percebem tais desigualdades como uma construção social. Ainda na concepção de Meyer:

O conceito de gênero propõe um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis, funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e apresentadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação (MEYER, 2005, p. 18).

Assim, é necessário notarmos gênero não como uma simples forma de ver atitudes, tanto para as mulheres como para os homens, mas é preciso que tenhamos uma reflexão sobre como essa diferença é vista, imposta e constituída pela sociedade, deixando de perceber esse assunto de forma isolada e restrita as atitudes de homens e mulheres ou até mesmo como se constituem como homens e mulheres.

E passar a compreender gênero como um fator que opera, que estrutura e determina socialmente a masculinidade e a feminilidade entre os seres humanos e que acima de tudo opera na constituição tanto de ideologias, como também de políticas, normatizando a vida em sociedade.

3. PRÁTICAS DOCENTES SOBRE GÊNERO EM SALA DE AULA

Entendemos a criança como um ser social, que cujo processo de desenvolvimento depende do contexto histórico em que a mesma tem as suas vivências e a escola é um dos locais onde as crianças manifestam relações diversas, pois é o primeiro espaço em que as mesmas convivem sem ser o seio de sua família.

Do ponto de vista das relações entre os seres humanos, uma das questões mais evidentes que se apresentam na escola desde o primeiro ingresso nela, é a questão de gênero, pois é também na escola que as crianças se deparam com as diferenças, principalmente as de sexualidade e gênero.

Desde a constituição da escola moderna a mesma tem como marco as divergências e está implicada também, como produção dessas divergências, ainda que não seja possível atribuir a mesma toda responsabilidade pelo trabalho de construção das identidades sociais, pois ela é para os jovens e para as crianças um lugar importante para as suas vivências cotidianas que são tão específicas, mas ao mesmo tempo plurais.

O educador lida diretamente com as relações de gênero no seu dia-a-dia em sala de aula, porém, na maioria das vezes o mesmo não percebe a sua influência na formação das subjetividades nas crianças que quase sempre são reconhecidas a partir do seu gênero, ou seja, como menino ou menina.

Um exemplo bem simples e que acontece muito é quando o professor conta na sala quantos meninos e quantas meninas existem e só após isso tem o número total de alunos presentes, nesse sentido é possível observarmos que as relações de gênero tem sido um ponto chave da doutrina dos docentes em relação as crianças e no qual definem o que pode ou não ser feito pelas mesmas na vivência da sua sexualidade.

Sendo assim, os professores definem sexualidade como algo que não é permitido que as crianças falem, pensem ou sintam tudo aquilo que elas desejam, mas sim determinam o modo como uma menina ou um menino tratam sua sexualidade, aprisionando-a.

Entende-se aqui, sexualidade como sendo algo que está presente em nossa vida, desde quando nascemos até a morte e que pode ser modificada ao longo do tempo, dependendo das experiências que a pessoa se permite vivenciar, ou seja, podemos entender sexualidade como algo dinâmico e mutável e não como algo estático.

Mas apesar das crianças serem ensinadas a esconder a sua sexualidade é importante explicitar que a mesma é capaz de elaborar as suas próprias respostas e teorias para essas questões sexuais. Como afirma Camargo e Ribeiro (1999, p.34):

[...] a infância é falada na voz do adulto e de acordo com seu pensar [...], esquecendo-se de que a sexualidade é uma dimensão da existência, que não tem idade[...] e esquecendo-se também de que a criança elabora suas próprias teorias sexuais de acordo com suas vivências em um estilo pessoal, individual, único.

Dessa forma, a escola e em consequência os docentes durante muitas situações cotidianas acabam reproduzindo um modelo que foi construído historicamente pela sociedade, inibindo as crianças dos seus desejos e restringindo-as a uma única possibilidade de viver a sua sexualidade, com isso a criança acaba encarando a sua sexualidade como algo que deve ser escondido, controlado e principalmente evitado.

O papel do docente é fundamental no processo de construção do conhecimento, pois o mesmo é o profissional a quem compete administrar o procedimento de reflexão que possibilita ao aluno uma independência para optar os

seus próprios princípios, tomar suas próprias decisões e expandir o seu processo de conhecimentos.

O docente deve ter clareza para não transferir os seus princípios pessoais, suas crenças e opiniões como sendo verdades que não podem ser questionadas ou até mesmo concepções que os mesmos tem que seguir.

Nesse sentido, Nunes e Silva (2000, p.106) afirmam que o docente precisa constantemente fazer a crítica dos papéis tradicionais e de suas convicções ideológicas, para que essa transmissão de valores pessoais não aconteça.

Sabemos que a cultura, o conhecimento e a educação que as crianças adquirem no âmbito familiar são fundamentos que as acompanham de forma muito direta no trabalho do docente e proporciona a criação de determinadas promessas em relação aos alunos.

Porém, é de suma importância que o docente evite a criação ou a perpetuação de estereótipos dentro da sala de aula, os quais por exemplo: definem as meninas como sendo comportadas, delicadas, sensíveis, vaidosas, elegantes, frágeis e entre outras características e em contraposição as características dos meninos, os quais são autoritários, viris, agressivos. Segundo Finco expõe (2007):

Os significados de gênero são impressos nos corpos de meninos e meninas de acordo com as expectativas colocadas diariamente para as crianças, na forma como as professoras interagem com elas. Os corpos de meninas e meninos passam, desde muito pequenos, por um processo de feminilização e masculinização, responsável por torná-los "mocinhas" ou "moleques".

A maneira como o professor lida com gênero na sala de aula, na maior parte das vezes, acontece por intermédio da criação de espaços binários que finalizam as identidades construídas pelo sujeito, de forma que acabam aprisionando-as.

Espaços esses que quando são ultrapassados acabam deixando o professor perdido por não saber lidar com determinadas circunstâncias que são referentes a gênero, como podemos perceber na fala de Rios (2009, p.103):

Nesta linha, diversas cenas relatadas pelos professores cursistas, durante os debates no módulo Diversidade Sexual, apontam para a dificuldade em lidarem no cotidiano escolar, não propriamente com a homossexualidade, mas com meninos e meninas que, por exemplo, brincam de modo divergente do comumente esperado para homens e mulheres (p.e.: menina jogar futebol).

É importante que os docentes ensinem aos seus alunos a história da sexualidade, como também as suas diversidades, para que os mesmos respeitem as diferentes formas de relações humanas que existem, sejam elas sexuais ou eróticas, sem que seja taxada a normalidade.

A escola necessita de professores preparados para atuarem debatendo e provocando a reflexão nos seus alunos sobre esses temas transversais, no entanto, sabemos que a realidade existente é que muitos professores não tiveram formação para realizarem tal tarefa com seus alunos ou até mesmo muitos demonstram resistência sobre o assunto e são igualmente preconceituosos.

Pois quando concluíram a sua graduação, este assunto ainda era um tabu para a sociedade e não existia “necessidade” de se tratar isso em sala de aula, já que as crianças têm que seguirem um padrão criado pela sociedade.

Atualmente apesar de estarmos muito avançados em algumas áreas dentro da educação, a mesma ainda é retrógrada no quesito gênero e sexualidade, pois como sabemos, o único curso de licenciatura em Pedagogia que tem um componente curricular chamado Educação e Sexualidade, como também Educação e Corporeidade é o da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

Sabemos que este assunto não é um tema local ou regional, que assuntos sobre sexualidade e gênero são perceptíveis em todos os âmbitos escolares, desde a infância e que os pedagogos tem que ter em sua formação acadêmica uma “bagagem” para saber lidar com determinadas situações que vão ocorrer em suas salas de aula.

Porém, o que ocorre na maioria das vezes é que pedagogos que se formaram a muitos anos atrás não tem tempo e nem condições financeiras para procurarem cursos que abordem esses temas, cursos de “reciclagem”.

Pois precisam por muitas vezes trabalhar os três turnos para terem um salário melhor ou até mesmo não veem necessidade de procurar saber mais sobre este tema, pois em sua época os seus professores não falavam sobre isso em sala de aula, no máximo, reprendiam algum comportamento que fosse visto como “fora dos padrões” e os mesmos apenas repetem ações muitas vezes preconceituosas que foram aprendidas.

Após vários estudos sobre as práticas docentes acerca das relações de gênero e sexualidade, percebemos que de maneira geral as mesmas entendem por relações de gênero as prerrogativas definidas a homens e mulheres que se manifestam nas relações sociais sendo as mesmas permeadas de preconceitos.

É fundamental que o docente tenha inicialmente o conhecimento sobre os conceitos dos assuntos que estão relacionados a gênero e sexualidade, para que possa assumir uma postura crítica e reflexiva diante dessas questões. A sexualidade caracteriza para a sociedade toda uma demonstração generalizada do indivíduo. A este respeito Guacira Louro (1997,p. 64 e 65) diz que:

Teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla (e também mais complexa), uma problematização que terá de lidar necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias(o)s envolvidas(o)s nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil. Trata-se de pôr em questão relações de poder que compartilhamos, relações nas quais estamos enredadas(o)s e que portanto, também nos dizem respeito.

Por vezes, também escutamos depoimentos de docentes que não sabem como lidar com certas situações que envolvem gênero e sexualidade em sala de aula, como não tiveram nenhum aparato sobre isso na sua vida acadêmica. César Nunes e Edna Silva (2000, p.75) em seus estudos nos mostram que:

Alguns professores, em muitas pesquisas e contatos sobre as manifestações da sexualidade infantil, apontaram a própria dificuldade pessoal em compreender a complexidade da sexualidade humana, reclamando da falta de conteúdos e dos resquícios de uma educação repressora que acaba dificultando o esclarecimento das questões e situações que envolvem o sexo.

Dessa maneira, ainda existem concepções por parte dos docentes arraigadas de tabus em que a criança tem que ser vista como um ser inocente e que a mesma precisa agir como tal, o professor negando a dimensão sexual do aluno só estará dificultando o desenvolvimento de condições para a criança viver a sua sexualidade, que como um ser humano qualquer ele possui.

É importante levar em consideração que o professor tem um papel que é fundamental no âmbito da significação atribuída as diferenças como coloca a Equipe do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ, 2009, p.26 e 27):

Os modelos de homem e de mulher que as crianças têm a sua volta, na família e na escola, apresentados por pessoas adultas, influenciarão a constituição de suas referências de gênero. Quando a menina e o menino entram para a escola, já foram ensinados pela família e por outros grupos da sociedade a respeito de quais são os “brinquedos de menino” e quais são os “brinquedos de menina”. Embora não seja possível intervir de forma imediata nessas aprendizagens no contexto familiar e na comunidade, a escola necessita ter consciência de que sua atuação não é neutra. Educadores e educadoras precisam identificar o currículo oculto que contribui para a perpetuação de tais relações. A escola tem responsabilidade de não concorrer para o reforço e o aumento da discriminação e dos preconceitos contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade e feminilidade dominantes. Por isso, educadores e educadoras são responsáveis e devem estar atentos a esse processo.

Essas perspectivas que vem sendo abordadas durante esse trabalho ainda são pouco incorporadas nos espaços escolares e nos processos pedagógicos por razões muito variadas, os professores tendem a se apoiar em abordagens normativas quando se deparam com questões de gênero e de sexualidade.

Suas ações são demonstradas por saberes que supostamente permitem classificar e diferenciar “com certeza” o que é tido pela sociedade como normal e o desviante, pois temos um modelo que tem que ser seguido, o qual é por exemplo: meninos brincando de carrinho e meninas de boneca, caso fuja desse “normal” o docente necessita intervir.

A partir desses pressupostos a instituição nega outras formas das crianças viverem seus gêneros e sua sexualidade, impondo para as mesmas receitas prontas de como se comportar e vivenciar sua sexualidade, dependendo do seu gênero, biologicamente falando.

Ao focar as questões de gênero nos ambientes educativos, como afirma Louro, o mesmo nos faz refletir para que os professores estejam atentos e que os mesmos sejam capazes de analisar as situações que ocorrem na sala de aula, pois

os seus alunos são múltiplos sujeitos e cada um deve ser analisado e interpretado de forma singular.

Dentro de tudo que já foi posto, se faz necessário lançar um olhar sobre o fenômeno da intersexualidade, que pode ser compreendido acerca de múltiplos fatores, que vão desde o micro-genético a macro-cultura, que levam por consequência ao estabelecimento da identidade de gênero.

Existem atualmente muitas contribuições acerca deste assunto desde a área da Psicologia, até mesmo no setor de saúde, que ainda é fortemente definido pelo padrão da medicina, que insere a perspectiva biopsicosocial.

Para este artigo, analisaremos o filme XXY que conta a história baseada em fatos reais de um intersexo que na história tem 15 anos de idade e que convive com as dúvidas e angústias sobre o seu corpo físico, sua sexualidade e identidade sexual.

Notamos no filme que desde o nascimento de Alex, já existia um discurso dos pais a respeito do seu gênero, pois a casa, o seu quarto e os próprios pais estavam preparados para a chegada de uma criança que desde sempre foi tratada como menina. Como afirma Guacira Louro (2009): “A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!”(...) mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo”.

Após o nascimento de Alex, os seus pais decidem se mudar para uma pequena cidade, em busca de fugir dos possíveis comentários maldosos de alguns vizinhos, como também dos discursos médicos sobre o que fazer a respeito da intersexualidade de Alex.

Passado muitos anos, a mãe de Alex achando que iria amenizar o seu sofrimento, convida uma família de amigos do casal, com o seu filho adolescente para passarem um período em sua residência e onde o amigo do casal, Ramiro é médico e chega logo com o discurso de que Alex deveria fazer a cirurgia para a retirada definitiva do órgão masculino.

É possível observar no filme a existência do aparato regulatório como fala Foucault através da medicina, pronto para definir um padrão normativo sobre o corpo, que seja modelo para todos os indivíduos.

Pois para ele, o jovem teria que pertencer a apenas uma categoria, caso não pertencesse ele viveria de maneira anormal, sendo assim, se faria necessário a cirurgia, para a sua normalização.

Ao longo do filme, percebemos que mesmo Alex não se encaixando nos padrões normais pela sociedade, ele consegue fazer com que dois jovens sintam atração por ele, ou seja, isso só vem para confirmar que mesmo ele não sendo um adolescente tido como normal, ele pode sim amar e ser amado, alguém pode sim sentir-se atraído por ele ou por qualquer pessoa que seja tida como diferente, anormal.

Quase ao final da história, Alex é pego de surpresa por colegas da escola, onde eles querem ver como é uma pessoa ter os dois sexos ao mesmo tempo e isso meche muito com ele, por sorte, um dos seus melhores amigos, que é também um dos jovens que se apaixonou por ele intervem e o tira dessa situação.

Esta cena nos faz refletir, pois a mesma nos mostra que já que Alex é tido como anormal, eles ou qualquer outra pessoa tem o direito ou até mesmo autoridade para olhar, pegar, fazer mal, zombar da sua “anormalidade”.

É a partir desse ocorrido que ele consegue se mostrar para a comunidade com a sua sexualidade, se sentindo assim mais livre para fazer o que quer com o seu corpo, até mesmo decide não tomar mais remédios, como por exemplo o de corticóide, que impede o crescimento de pêlos.

Em uma determinada cena, entre uma conversa de pai e filho, o pai tenta convencer Alex para que o mesmo escolha a sua opção sexual e ele o responde com uma pergunta que foi “E se eu não quiser escolher?”. O término do filme nos faz refletir acerca dessas questões de escolha, será que um intersexo tem mesmo que escolher? Que optar por uma cirurgia, por causa apenas de uma sociedade cheia de padrões? E o intersexo brincaria de que? Carrinhos ou bonecas?.

É preciso que sejam construídos novos discursos para as novas realidades existentes, nós não podemos negá-las ou apenas fingir que não estamos vendo, é preciso que novos corpos habitem novos lugares.

Ninguém precisa entrar em uma categoria, sexo feminino ou masculino, temos é que inaugurar novas formas de discursos, formas de compreender essa nossa nova realidade, para possibilitar uma vida melhor não apenas as pessoas tidas como “diferentes”, mas a nós mesmos.

A ideia de gênero deve ir muito além do feminino ou masculino, devemos criar os nossos próprios discursos e não apenas sermos meros reprodutores, seja dos discursos médicos, religiosos, midiáticos ou filosóficos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os argumentos e tópicos que foram apresentados no decorrer deste artigo, podemos concluir que as hipóteses que foram apresentadas no início, foram confirmadas a partir do desenvolvimento do trabalho.

Pois nos certificamos que a causa dos docentes estarem despreparados para lidar com relações de gênero e sexualidade na Educação Infantil é pela falta de tempo que os mesmos tem, pois por muitas vezes eles tem que se desdobrarem para trabalhar os três turnos para conseguirem ao final do mês um salário mais digno.

Como também pelo simples fato de a escola não lhe dá suporte financeiramente para que o mesmo busque sempre se reciclar, não apenas nesse assunto, mas em tantos temas que existem atualmente em sala de aula e os docentes não sabem como lidar, pois os mesmos não tiveram nenhuma instrução sobre determinados tipos de assunto.

E também pelas universidades que formam esses docentes que estão atualmente em sala de aula não notarem o quanto é importante trabalhar esse assunto nas instituições, para que o pedagogo, por exemplo, quando se depare com situações relacionadas a este tema ele saiba reagir de forma que não seja uma ação traumática para o aluno.

Nisto a Universidade Estadual da Paraíba se destaca como pioneira, pois trás em sua grade curricular no último semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia a disciplina Educação e Sexualidade, como também Educação e Corporeidade que é ministrada anteriormente.

Outra hipótese que também confirmamos, é a influência social, que está cada vez mais presente no nosso dia-a-dia, nos direcionando para quais atitudes nós temos que tomar, sempre de acordo com o seu gênero, pois existem apenas duas versões, uma só se encaixa para meninos e a outra apenas para meninas.

Nos privando muitas vezes de por exemplo, brincarmos com determinados brinquedos que são tidos pela sociedade como de outro gênero que não é o seu e que por causa dele ou até mesmo de uma cor você pode ser rotulado como diferente, anormal, uma pessoa invisível pela sociedade.

Este artigo foi como a válvula de escape que encontrei para transformar o preconceito muitas vezes velado das pessoas e dos docentes em especial. Disse-vos tudo isso para que situações que ocorreram na minha infância não sejam reproduzidas na infância de ninguém.

Pois durante toda a minha vida eu fui vista com maus olhos pela sociedade e por muitas vezes pelas pessoas que me educaram em diversas instituições pelas quais eu passei, pela minha simples escolha de preferir azul à rosa, carrinhos à bonecas, ter mais amigos homens do que mulheres e em nada isso alterou a minha orientação sexual.

ABSTRACT

This article tells how teachers work in class on gender issues passing customs that were historically constructed by society, where the "normal" is that there are two kinds, which differ in practice by certain colors, games, ways of behaving among other features that are unique to each and that at no time these characteristics can be reversed or intertwine as this would be a "sign" that the sexual orientation of that child would be in "risk". Talk about gender issues is not so easy, because in our society most people have a conception about this very biological subject because of that the subject becomes taboo. The purpose of this article is to provoke a reflection on the teachers who work in class on gender issues. The methodology used was bibliographical research, qualitative and analytical. We conclude from the studies that one can not disregard the unpreparedness of active teachers in the classroom referring to gender issues, as well as the ignorance many times on the subject: sexual orientation, because we know that is something that does not exist only two ready-made recipes, your sexual orientation is independent if it prefers to play with dolls or cart

KEYWORDS: Genre, Teacher, Student.

5. REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Lady Selma; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação**: interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75-95.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s)**: a sexualidade como tema transversal. Campinas, SP: Moderna, 1999.
- CLAM/IMS/UERJ. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/ES em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.
- FRANGELLA, Simone Miziara. **Fragmentos de corpo e gênero entre meninos e meninas de rua**. *Cadernos Pagu*(14), Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2000, pp.201-234.
- FINCO, Daniela. **A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil**. In: Faria, Ana Lúcia G. de. *O coletivo infantil em creches e pré-escolas*: falares e saberes. São Paulo, Cortez, 2007.
- FELIPE, Jane. **Entre batons, esmaltes e fantasias**. In. MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.p, 53 à 65.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, S. "**Minimal Selves**", in **Identity: The Real Me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 16.
- NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: polêmicas do nosso tempo**.Campinas, SP: Autores associados, 2000.

ORTNER, Sherry B. 1996. ***Making gender: The politics and erotics of culture.*** Boston: Beacon Press. ORTNER, Sherry e WHITEHEAD, Harriet. 1985. ***Sexual meanings - The cultural construction of gender and sexuality.*** Cambridge: Cambridge University Press.

RIOS, Luis Felipe. Homossexualidade no plural dos gêneros: reflexos para incrementar o debate sobre diversidade sexual nas escolas. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação: interpretações e reflexões para a formação docente.** Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 97-111.

ROSALDO, Michelle. 1995. "O uso e abuso da Antropologia: reflexões sobre o feminismo e entendimento intercultural". *Horizontes antropológicos*, Nro. 1: 11-36.

SAFIOTTI, Heleieth I.B. **A Mulher na Sociedade de Classes.** São Paulo, Vozes, 1979.

SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de; SOUZA, Rosângela Silva de; ROCHA, Rosilene Oliveira da. Diversidade, diferença, desigualdade e educação. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação: interpretações e reflexões para a formação docente.** Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 11-22.

VIANNA, Cláudia; UNBEHAUM, Sandra. **Gênero na educação básica: quem se importa?** Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. *Educação & Sociedade*, vol. 27, nº 95, maio-ago. 2006, pp.407-428.